

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Anderson Luiz Pauletti Rodrigues

**Centro de Memória da Etec Fernando Prestes
Sorocaba/SP**

2025

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: história oral temática

Entrevistadora /Instituição: Daniele Torres Loureiro - Etec Fernando Prestes, em Sorocaba

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

Anderson foi aluno dos cursos Técnicos em Informática e Administração da Etec Fernando Prestes no início dos anos 2000, período em que passou a integrar a fanfarra da escola. Após formar-se na Fatec Sorocaba, em Processamento de dados, iniciou atividades na unidade de ensino, em 2010, como auxiliar docente e um dos responsáveis pelo laboratório de informática da Etec Fernando Prestes. Também ministrou aulas de Hardware e Infraestrutura de redes de dados entre 2012 e 2014. É conhecido como Anderson “Band” por ser instrutor e membro da fanfarra da escola, motivo que levou à realização desta entrevista, a qual, tornou-se base para o desenvolvimento de exposição temática sobre a memória da fanfarra, durante a Primavera dos Museus e elaboração de banner para a Jornada Patrimônio Cultural da Educação Profissional e Tecnológica/2025.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Daniele Torres Loureiro

Local da entrevista: Centro de Memória da Etec Fernando Prestes – Rua Natal, 340- Jd. Paulistano – Sorocaba/SP.

Data: 05 de maio de 2025

Técnico de gravação: Daniele Torres Loureiro e Oliver Correia

Duração: 28 minutos e 12 segundos

Número de vídeos: 1 (um)

Transcritora: Daniele Torres Loureiro

Número de páginas: 13

Sinopse da entrevista

Entrevista realizada em 05 de maio de 2025, no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, com o auxiliar docente e instrutor da fanfarra Anderson Luiz Pauletti Rodrigues. Anderson relata brevemente sobre sua experiência profissional na unidade de ensino, mas principalmente relata dados históricos da fanfarra como a criação, atuação e desafios enfrentados.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 03 de setembro a 12 de novembro de 2025

Nome da transcritora: Daniele Torres Loureiro

Daniele Torres Loureiro (DTL): Bem Anderson, boa noite! Primeiro eu queria em nome do Centro de Memória e do Grupo de Pesquisa em Memória e História da Educação Profissional agradecer sua disponibilidade em conceder um depoimento sobre a fanfarra da escola. É... nós sabemos que você tem um grande envolvimento com a fanfarra. Você que toca a Fanfarra aqui na escola já há alguns anos, então como nós vamos fazer um trabalho para a Jornada do Patrimônio a partir de um uniforme que você fez a doação aqui para o Centro de Memória, então nós gostaríamos de conhecer um pouquinho. É... primeiro, brevemente, você falar quem é você e, também, você nos contar tudo que puder sobre a fanfarra, sobre a história da fanfarra. As facilidades, os desafios, o que ela já fez, o que ela pretende fazer... fique à vontade para comentar suas memórias sobre a fanfarra.

Anderson Luiz Pauletti Rodrigues (ALPR): É... eu vou tentar fazer um resumo aí... é... meu nome é Anderson, eu estou aqui no Fernando Prestes desde 99, na verdade 13 de julho de 1999. Eu entrei aqui como aluno. Fiz o curso de informática a tarde. Ainda era o período de transição, né! O pessoal que estava fazendo Processamento de Dados estava saindo e estava passando a ser Informática. Só tinha duas turmas a tarde, se não me engano a nossa turma de Informática e uma turma de Contabilidade. Então eu estou aqui desde 99 e eu trabalho aqui nos laboratórios de informática. Inicialmente como estagiário, né! desde 2003. Passei a ser funcionário em 2010. No caso, nos laboratórios de informática. Eu passei a fazer parte da fanfarra, a tocar na fanfarra em 2003. A fanfarra já existia e eu comecei a tocar na fanfarra em 2003. O que eu sei, que me foi contado, que a fanfarra começou na gestão da

professora Leila (Leila Tereza Rolim de Oliveria Almeida), diretora, professora Leila. Não sei especificar se na primeira ou segunda gestão dela. Mas, na época, o que ela me contou que os primeiros instrumentos foram adquiridos através de uma doação, se não me engano, de um vereador da cidade na época. Instrumentos esses que ainda tem alguns ali, que ainda são dessa época. Então foi por volta desse ano que começou. Começou... na época o instrutor era o Hudson, falecido Hudson, e depois, se não me engano, quem ajudava ele era, eu não cheguei a conhecer, o apelido dele era Cenourão (risos). Isso quem me contou foi o Leandro, que foi o instrutor depois deles. Que era o instrutor quando eu comecei a tocar aqui, o instrutor era o Leandro. Falecido Leandro também, o ano passado ele faleceu. Também não estava muito bem de saúde há um tempo e ele acabou falecendo ano passado. Motivo esse porque a gente não voltou a tocar o ano passado. A gente ficou muito abalado com isso aí, porque a gente se conhecia basicamente há 20 anos aí... e o núcleo... eu falo núcleo porque é o pessoal que já se formou e continua tocando... está trabalhando, virou pai, virou mãe, mas a gente começa a ensaiar e eles voltam, eles vêm de novo, né! É um pessoalzinho que estava sempre ali, que a gente falava que eram os quinze e a gente estava junto a quase 20 anos, né! Então, quando o Leandro faleceu a gente ficou meio para baixo assim... O ano passado a gente acabou não voltando por causa disso. E, a Renata (Renata Alves de Lima Brosco), atual diretora ela tem cobrado a gente para voltar desde o primeiro ano dela... os alunos têm cobrado ela. Então assim... o que a gente costumava fazer, enquanto eu não era o responsável, eu só tocava, a gente ia em desfiles, principalmente aqui na cidade de Sorocaba, dia 15 (15 de agosto) dia 7 (7 de setembro) a gente ia representar a escola. Durante uns oito ou nove anos a gente conseguia ir nas cidades em volta também. Teve ano da gente tocar em sete, oito cidades diferentes, né! Seja nos eventos, no próprio aniversário das cidades, a gente ia representar a escola, levar o nome da escola, né! Teve uma vez, que eu estou lembrando aqui, tem uma cidade aqui de São Paulo (estado) que se chama Fernando Prestes e, se eu não me engano, não sei se era a filha ou neta do fundador da cidade descobriu que a escola chamava Fernando Prestes e ela ligou aqui uma vez para a gente não tinha como ir lá na cidade dela para tocar no aniversário da cidade dela. (risos) Era muito longe... então... (expressão de negação, risos). Então a gente teve de explicar para ela que era uma escola pública, né! que a gente tinha as limitações e a cidade lá era bem pequena, então infelizmente não foi possível. Então a gente tocava nas cidades em volta, tinha muito evento aqui que a gente ia tocar também. A gente costumava ir ajudar outras escolas ou outras instituições que tinham uma apresentação, ou desfile para fazer e elas não tinham corpo musical para se apresentar por elas, né! A gente representou uma vez os veteranos da Revolução de 1932. A gente foi tocar para eles num desfile, que eles abriam o desfile antigamente. Hoje eu acho

que não sobrou nenhum velhinho, né! Eles devem todos ter descansado já. Então a gente fazia esse tipo de trabalho, né! e aqui na escola.

DTL: E aqui na escola, como que é o trabalho assim, enquanto estava... assim como você falou que não está ativa nesse momento, né.

ALPR: É...

DTL: Mas como que era assim o trabalho com os alunos, como que é esse trabalho?

ALPR: Então... com os alunos a gente sempre falou que a fanfarra é para os alunos, sempre foi para os alunos. Inclusive uma época, no finalzinho dela, porque teve um declínio no interesse, né! a gente falava que faltava aluno da Fernando Prestes na fanfarra... no finalzinho... infelizmente. Todos, ex-alunos daqui, mas, os alunos daqui a gente já não tinha mais essa.... esse... chamado, né! Então, o que a gente fazia... o que a gente tentava fazer era ensinar música. Tem uma diferença entre fanfarra e banda marcial. No começo nós éramos uma fanfarra e a partir de 2005 a gente começou a se chamar de banda marcial, porque nós conseguimos, através do instrutor, que na época era o Leandro a gente conseguiu adquirir instrumentos, né! instrumentos compostos, que fala, trompete, trombone, baixo... mesmo a parte de percussão nós conseguimos instrumentos que eram de banda marcial, então a gente começou não fazer apenas toques né! A fanfarra é apenas toques, toque da marinha, toque da alvorada... toque disso... a gente fazia toques, com a banda a gente passou a fazer música. Então a gente tirava música mesmo, partitura... então a gente começou a tentar ensinar os alunos a ler música, a conseguir por uma partitura e ele entender a partitura, e conseguir tocar né. Então a gente tentava fazer esse trabalho com a galerinha. A gente começava o ensaio mais cedo e fazia uma meia horinha, quarenta minutos de teoria. Era aqui na sala 59, onde é a “Maker” agora (sala Maker) e a gente entrava todos lá... e o Leandro tinha feito conservatório, lá de Tatuí, então ele tinha conhecimento para passar essa parte teórica e a gente ensinava o básico, né. Tempo, teoria de que nota é essa, clave, para o pessoal ter uma base. A partir daí, aquele que tinha mais interesse acabava pegando, indo sozinho atrás. A gente tentava fornecer uma apostila para eles. Fazia uma vaquinha entre a gente e comprava... ainda existe hoje, o “Bona”, “Pozzoli” que são cartilhas (sinal de aspas) para estudo de teoria de música. Existe até hoje. Você vai na internet lá, que você encontra. Então a gente fazia uma vaquinha entre os instrutores, né. Nós éramos em três, quatro dependendo da época. Geralmente éramos em quatro que administravam, que ensinavam. Todo mundo trabalhava, graças a Deus, então nós conseguíamos tirar um tantinho para

comprar esse material, porque muito embora a APM da escola tentasse ajudar a gente no que ela conseguia, o foco daqui não é esse, infelizmente. Embora exista uma lei que toda escola tem que ter aula de música. Inclusive todas as escolas estaduais, pelo menos no estado de São Paulo, receberam instrumentos ao longo desses últimos anos, o foco daqui da Etec não é esse, então a gente nunca recebeu nada oficialmente do Centro Paula Souza no sentido de música. Então tudo que tem ali (sala da fanfarra) foi doação, no caso desses primeiros instrumentos, aí. Alguns foram adquiridos depois pelo instrutor, pelo Leandro. Ele comprou vários desses, principalmente os instrumentos de banda marcial. Esses instrumentos depois foram adquiridos pela APM da escola. O Leandro vendeu para eles por um preço bem abaixo do que valia e alguns instrumentos eram meus, eram do outro instrutor, do Eduardo, que também era instrutor. A gente comprava tudo usado, mas era o que tinha, servia e era baratinho. Comprava um trompete aqui, um trombone de vara mais simplesinho ali e a gente ia...

DTL: E, qual é a diferença assim da banda marcial para a fanfarra, é uma curiosidade minha...

ALPR: A banda marcial ela, como é que eu vou dizer... com um instrumento de banda marcial eu consigo, por exemplo, tocar uma música. Ah! Sei lá... Brasileirinho, você vai ouvir e vai saber que é aquela música, por que eu consigo tocar aquela música como ela foi escrita.

DTL: Mas a função das duas bandas...???

ALPR: A função depende da instituição, mas na verdade a função tanto da fanfarra quando da banda é representar a instituição a qual ela está vinculada. Uma fanfarra é mais festa, que fala fanfarra, o próprio nome já diz, fan e farra, é mais festão, é mais Carnaval, que é mais percussão. Se você for ver lá na fanfarra você vai ver muito mais corneta, então você distingue a música que eles estão tocando, mas é uma coisa bem mais simples. A corneta tem uma nota só. Você tem uma corneta fá, uma corneta si, então você só tira uma nota. Com o trompete você tira todas, porque ele tem três pistos, então daí você consegue fazer. Se você tiver uma fanfarra, você consegue fazer também, se você tem todas as cornetas das notas, mas é muito mais difícil, porque além de tudo você tem de ter a sincronia do pessoal que tá ali fazer a música no tempo certo, cada um com a sua nota. Então o que acaba acontecendo na fanfarra que as músicas são mais simples e por consequência é mais fácil o pessoal tocar, de aprender no começo. Com fanfarra é mais fácil de você ensinar. O aluno que tira... eu falo aluno, mas assim a pessoa que ela nunca tocou um instrumento e ela tira... consegue tocar uma corneta e tirar o som correto, a nota correta da corneta, é mais fácil de ela seguir em

frente depois. Então a diferença básica é essa. É o que você consegue fazer. Na banda marcial o leque é maior, você consegue fazer mais variedade de música numa banda marcial. E o instrumental permite que você faça isso.

DTL: Entendi! E o maior desafio hoje está sendo...

ALPR: O maior desafio hoje é assim... com a pandemia (Covid 19) nós paramos, por motivos óbvios. Era proibido estar juntos e tudo mais, então a gente parou e quando foi permitido voltar, né, os alunos que faziam parte, que eram poucos já não estavam mais aqui, já tinham se formado no meio da pandemia, já estavam em outro lugar e tudo mais. A gente não estava ainda aqui com os alunos, a gente ainda estava a distância, a gente ficou uns seis meses ainda a distância, se bem me lembro. A gente vinha, mas os alunos não. Eu lembro bem disso. O pessoal que ajudava também. Nós éramos quatro instrutores, um deles faleceu, que foi o Leandro. O Paulo que era o outro instrutor, ele virou pai, no meio da pandemia, então a dificuldade dele ficou de estar aqui no fim de semana ficou maior. O Eduardo que foi aluno aqui também e passou a se instrutor com o passar do tempo. Ele vinha ajudar a gente, ele ficou com o tempo dele bem limitado com tudo que aconteceu ao longo desses anos, aí eu fiquei sozinho. Os alunos têm vindo procurar agora, é irônico né, porque agora que eu não tenho quem me ajude, tem um monte de aluno querendo. Como eu comentei, uma pessoa sozinha, eu sozinho Anderson sozinho com quarenta, sessenta alunos, eu não ensino nada para eles. Assim, é ilusório que eu vou chegar aqui no sábado, vou ter sessenta alunos e vou conseguir ensinar cada um deles a corneta, a lira, a percussão, vou ensinar eles a marchar, eu não vou conseguir fazer isso sozinho, é irreal. Então o que está me impedindo de chegar ali no sábado, num dia de manhã, vir aqui bater nas salas, como eu fazia antigamente e falar: oh! no sábado tem ensaio... eu preciso de gente que me ajude. O Paulo me falou que no sábado está muito difícil para ele, porque ele tem filho agora e o trabalho dele também agora exige que ele esteja lá no sábado, então domingo talvez ele conseguisse vir, no domingo à tarde. A gente já ensaiou no domingo à tarde aqui. O Eduardo talvez também consiga. Assim, todo o problema é começar, porque depois que você começa, a gente consegue identificar aqueles que tem condição de ensinar o outro, sempre tem! Aqueles que tem condições de ensinar outra pessoa. As vezes a pessoa já tem uma basezinha, ele já é curioso, ou ele já fez um pouco de conservatório, então ele tem o conhecimento teórico, então para ele é mais fácil, né. Ele pega alguma coisa e consegue passar para o pessoal daquele corpo de instrumento, então ele acaba cuidando daquele pessoalzinho e você consegue cuidar de outro. Mas para isso é preciso começar e ter uma base para começar. A gente já ensaiou sábado de manhã aqui muito anos. A gente acabou saindo daqui no sábado de manhã, porque teve uma época aqui

tinha EAD (turmas do ensino semipresencial) e estava atrapalhando o EAD, porque, meu, você não faz nada aqui na escola se eu estiver com meia dúzia aqui no pátio, se não faz nada, meia dúzia é o que precisa, você não faz mais nada aqui, em lugar nenhum, você escuta a gente lá na esquina, porque o pátio (expressão de eco, de que o som ecoa). Talvez agora um pouco menos, por causa da cozinha, mas ainda assim, aqui dentro, uma caixa, um bumbo, uma corneta, acabou a aula, porque não tem condição. Então mudou de horário, porque o eco... a gente passou a ensaiar sábado à tarde, depois a gente passou a ensaiar domingo à tarde, porque a gente tentava adequar o horário para o pessoal que vinha, que nem sempre era aluno. Tocava aqui muito aluno que era de outra escola. Tinha muito aluno de outras escolas aqui, porque as outras escolas não tinha banda, fanfarra, então a gente tinha aluno do Cyrillo (Escola Arthur Cyrillo Freire) do Flávio (Escola Flávio de Souza Nogueira) do Achilles (Escola Achilles de Almeida). Teve uma época que a gente fazia “meio que intercâmbio”, tinha uma galera do Achilles que vinha dar uma mão para a gente aqui e tinha dia que a gente ia lá para dar uma ajuda para eles, então a gente fazia essa troca. No dia do desfile, uma fanfarra completava a outra, porque tinha pouca gente nas duas. Eles desciam primeiro, então a gente ia lá descia com eles e subia correndo. Você olhava para a lateral da rua São Bento (Centro de Sorocaba onde ocorriam os desfiles), da rua Sete aquele bando correndo, atravessando as esquinas, passava um bando correndo (expressão de alegria com a situação). A gente chegava lá, trocava de roupa, colocava outra roupa e descia para mais uma. Tinha apresentação que a gente descia em três (representando 3 escolas), subia, descia, subia e descia. Até a galera dizia: eu já vi esse cara aí (risos).

DTL: Você está falando da roupa e isso é uma coisa importante, porque foi a partir desse objeto que despertou o interesse (da equipe do Centro de Memória) de fazer esse estudo sobre a fanfarra. O que você pode contar para a gente sobre os uniformes, assim... O que que é, como

ALPR: Então, o uniforme, o único que a gente teve foi esse preto, que vocês tem aqui (reservado no Centro de Memória) que a gente chamava ele de paqueta (referência as paquitas, personagens do “Xou da Xuxa”) né, que é o uniforme padrão de qualquer fanfarra, que é o mais simples que é um sobretudo, você pode colocar uma calça padrão para todo mundo e coloca ele por cima. Foi o que a gente fez em 2004, 2003, se não me engano, naquela época e naquela época cada integrante mandou fazer o seu. Foi a Rota (Rota Uniformes, tradicional loja de uniformes da cidade de Sorocaba). Eles vieram aqui, tiraram o tamanho, tiraram a medida e cada um pagou o seu. Acho que foram 43, 44, naquela época.

DTL: Bastante gente!

ALPR: Deve ter fotos aí, no Youtube tem vídeo do desfile. O uniforme oficial que a gente teve ao longo do tempo que eu estou aqui, foi esse aí. O que era usado antes, como a gente fez depois... era combinado... olha, o que é mais fácil para todo mundo? Ah! É uma calça jeans preta. E a camiseta, a camiseta teve uma época que a APM comprava as camisetas para a gente, inclusive tinha algumas delas lá ainda. Ah! Era uma camiseta branca, as vezes; uma camiseta cinza; as vezes uma azul e branca que é a bandeira da escola, que usavam antes. Eu não cheguei a usar esse uniforme. Tem umas fotos penduradas aqui (no centro de memória) que tem ele. E, depois do uniforme preto, que a galera se formou, né, alguns levaram de lembrança. Vou dar para o meu filho usar... não sei o que eles vão fazer com aquilo, mas enfim... eles levaram embora e a gente começou a fazer o que. A gente fez uma camiseta preta uma vez, depois a gente fez uma branca. Quando eu falo a gente, o pessoal da fanfarra, cada um comprou a sua, e tudo mais. Teve uma época que a gente optou por usar camisa social. Ah! Todo mundo tem uma camisa social preta, ou branca que é mais fácil ter. Tem alguns desfiles tem lá gravado no Youtube que a gente está de camisa social. Se procurar lá tem, a gente tá descendo a avenida e está todo mundo lá de camisa branca. Então, esse foram assim os uniformes que a gente usou por muito tempo. A fanfarra, aí tinha o corpo de bandeiras, as faixas e tudo mais que eles tinham, ainda tem guardado até hoje lá a boininha, a luva, a faixinha, né! Isso é padrão e todo o desfile quando tinha quem fosse levar, isso era padrão. Era mandado lavar e eles usavam. Ficava guardado com a Sônia Maria, ficava com ela, guardado numa caixinha lá. Perto do desfile ela mandava lavar e no desfile ficava com a gente e a gente que via isso depois. Mas, é... como eu disse antes...

DTL: Qual o significado disso, desse ritual de levar a bandeira da escola, isso?

ALPR: Quando tinha pouca gente, a gente levava a bandeira da escola e o brasão da cidade que tem guardado, que está pendurado ali na sala (sala da fanfarra) o brasão de Sorocaba. Quando tinha bastante gente, a gente conseguia levar as bandeiras todas. Teve uma época que no desfile ia pelotão de aluno. Tinha o pelotão de aluno lá na frente, a gente ia atrás, eles iam na frente. Tinha aluno suficiente para levar as faixas de cursos, dos cursos técnicos, no caso. Tinha, por exemplo, ensino médio, atrás edificações, processamento de dados. Acho que deve ter uma foto aqui (centro de memória), com uma faixa escrita processamento de dados. Então, era meio que uma propaganda da escola. A gente pentelhava bastante a APM, porque a gente costumava sair na capa do jornal. Não tenho mais os jornais infelizmente, mas vários anos assim, a foto que saia lá éramos nós, né! Eu não sei quanto custava sair na capa

do jornal Cruzeiro do Sul, Diário de Sorocaba antigamente, mas não deveria ser barato, né. Mas, saia lá na frente Fernando Prestes, a gente lá atrás, então era uma propaganda para a escola, gratuita né, no caso! Porque saia tanto na frente, quanto lá no meio, saia também, algumas outras coisas falando, a fotinho e tudo mais, então era uma divulgação para a própria escola a fanfarra ou a banda, naquela época. Então a importância básica era essa aí. Quando a gente ia para as outras cidades também, porque tinha muito aluno que vinha de fora. Hoje tem Etec para todo lado, então não tem tanto assim. Mas a gente ia para as outras cidades, tinha muito aluno, parava ônibus, muito ônibus de cidade aí fora, então eles falavam assim, a gente estava passando e tinha muito aluno lá, Araçoiaba, Salto. A cidade mais longe que a gente foi, acho que foi Iperó, Capela do Alto, Piedade a gente foi também. Então a gente achava aluno “perdido” lá. A gente passava na avenida tinha aluno com a camiseta do curso técnico lá na rua, então divulgava bastante. Ao nosso ver e, também da própria APM antigamente, era muito importante, tanto que estava chegando a época do desfile e eles vinham perguntar para a gente: Vocês vão desfilar, não vão, como a gente vai fazer? A gente acabava indo tendo a quantidade que tivesse. A gente já desfilou com 15 pessoas. O impacto não era o mesmo, mas a gente estava lá. Então, uma escola que estava em todos os desfiles era a gente, tanto no dia 15 (15 de agosto, aniversário de Sorocaba) quanto no dia 7 (Sete de Setembro). Aí depois da pandemia infelizmente, não deu mais, né. Acho que em dois desfiles antes a gente não foi mais, porque mudaram os desfiles daqui do Centro, lá para o Parque das Águas (região norte da cidade de Sorocaba) e como nós tínhamos poucas pessoas, tocar lá no Parque das Águas era muito ruim, porque é muito aberto e como nós éramos em poucos, não ficava legal. Então a gente optava por acabar não indo. Aqui no Centro propicia, mesmo que você tenha pouca gente, porque o som aumenta, então te ajuda, né! Agora em outros lugares era mais difícil. Mas, a gente sempre esteve presente, sempre que deu para ir a gente foi, agora depois da pandemia não sei quando voltou os desfiles, por que os próprios desfiles estavam parados, né. Mas não sei como está agora, eu estou por fora disso daí. Eu não estou meio antenado, mas talvez o ano passado acho que voltou. Não sei se foi aqui no Centro ou lá no Parque da Águas, mas voltou o ano passado (2024) e eu não sei como foi também, porque antigamente era muito grande, tinha muita corporação, tinha muita banda. E, agora eu não sei como é que está, como ficou depois disso tudo, porque teve muita fanfarra que depois da pandemia infelizmente acabou.

DTL: Sim, sim.

ALPR: Acabou com muita fanfarra, muita banda, então ficou desse jeito, né. Então, vamos ver como é que vai ser.

DTL: Anderson, queria te agradecer por esse depoimento. Ele vai ser muito importante para essa pesquisa que a gente está fazendo (Memórias da Fanfarra para jornada do patrimônio e primavera dos museus) e, também para a gente divulgar um pouquinho desse trabalho tão bonito e que está assim... um pouquinho... e quem sabe ele volta com mais força, né?

ALPR: É... vamos tentar de novo, porque pelo que eu percebi tem muito aluno querendo, perguntando, vindo atrás. Teve agora a eleição do grêmio, eles estão para ver isso aí também, então eu espero que dê certo, porque as vezes a gente quer, mas precisa ter ajuda.

DTL: Precisa de colaboração...

ALPR: Tem que ter ajuda, em todos os sentidos, porque como eu disse antes éramos em quatro e nós dávamos o nosso jeito, mas agora não é mais assim, tem de começar de novo e eu também não vou estar sempre aqui. Uma hora eu também (gesto indicativo de seguir caminho) vou para frente, então os próprios alunos daqui tem de começar a abraçar como abraçaram lá em 2000, que eu lembro até agora a turma que era, como é que a Ana Ribas chamava eles, ela chamava eles de “celerês”. Não sei se você lembra deles, eram duas as turmas, uma que tinha uma roupa laranja que eram esses “celerês” e tinha uma outra que usava camisa roxa. Então eram os laranjas e os roxinhos. Eram eles que eram a fanfarra. Eram as duas classes inteiras, praticamente. Tanto que quando tinha desfile eles não podiam ter aula, porque sobrava meia dúzia na sala. Eu lembro bem disso, os professores ficavam loucos da vida. (risos)

DTL: Eu imagino (risos)

ALPR: Eles não podiam dar aula porque iam mais da metade das duas salas para o desfile, então eles não tinham como dar aula. Era isso...

DTL: Bem, a gente torce para que ela retorne com força total, porque é um trabalho muito bonito! Mais uma vez, em nome do Centro de Memória e do GEPEMHEP eu gostaria de te agradecer por esse depoimento e obrigada por tudo.

ALPR: De nada! Tamo aí!

Descritores

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Anderson Luiz Pauletti Rodrigues

Auxiliar Docente

Fanfarra

Técnico em Informática

Técnico em Processamento de Dados

Centro de Memória

Leila Tereza Rolim de Oliveria Almeida

APM

Primavera dos Museus

Jornada do Patrimônio Cultural da Educação Profissional e Tecnológica.

Daniele Torres Loureiro

Etec Fernando Prestes

Renata Alves de Lima Brosco

GEPEMHEP

Dados Biográficos do Entrevistado



Anderson Luiz Pauletti Rodrigues - É Tecnólogo em Processamento de Dados formado pela Fatec Sorocaba (2010). Técnico em Informática e Administração, formado pela Etec Fernando Prestes nos anos de 2001 e 2002. Professor na Etec Fernando Prestes nos anos de 2012/2013/2014 onde ministrava aulas de Hardware e Infraestrutura de redes de dados. Atualmente Auxiliar de Docente da área de informática e um dos responsáveis pelos laboratórios de informática e áreas correlacionadas na Etec Fernando Prestes, desde 2010.

Um dos responsáveis pela Fanfarra da Etec Fernando Prestes, desde 2003, juntamente com outros colaboradores e ex-alunos.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Daniele Torres Loureiro - é professora do Ensino Médio e Técnico desde 2003, curadora do Centro de Memória da Etec Fernando Prestes e professora conteudista e mediadora de aprendizagem na SEEAD. Mestre em Educação pela UNICAMP, Bacharel em Administração Pública pela UFSJ. Pós-graduada em PIAGED - UFF (2015). Tecnóloga em Automação de Escritórios e Secretariado – FATEC-SP (1998). Foi coordenadora de Curso (2006); Membro do Projeto Historiografia (2005-2006, 2018 - atual); Professora da pós-graduação - Senac (2012 e 2013); Professora Universitária – Unip (2011-2012). Membro do projeto Biblioteca Ativa (2014 e 2015). Participou do Programa Intercâmbio da Fundação Rotária (2009).

Anexos (documentos sigilosos e não ficarão aberto online ao público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Anderson Luiz Pauletti Rodrigues

Termo de uso de Imagem de Anderson Luiz Pauletti Rodrigues